

## PT\_4.mp4

[00:00:12] **Paty Gomes** Oi, gente. Hoje eu trago aqui para o nosso curso, a honra de trazer a Bárbara Libório, que hoje é gerente de projeto da AzMina mas tem uma trajetória incrível no jornalismo, referência no jornalismo de dados, referência na Agilidade no jornalismo. E eu trouxe ela para compartilharmos um pouco, para ela compartilhar com a gente um pouco a experiências que ela tem. Então, Bárbara, muito obrigada por estar aqui, por poder compartilhar suas experiências com a gente.

[00:00:44] **Bárbara Libório** Paty, super obrigada pelo convite. É uma honra, sou super sua fã, então é muito bom estar aqui com você, obrigada.

[00:00:48] **Paty Gomes** Imagina. Então, eu queria começar nossa conversa perguntando como foi que você conheceu a Agilidade.

[00:00:57] **Bárbara Libório** Tá, legal. Bom, como você falou eu acabei me especializando em jornalismo de dados. E acho que foi o jornalismo de dados que me trouxe para a Agilidade porque eu comecei era um contato muito grande com a área de tecnologia e com essa questão de fazer a ponte entre a redação, né, entre os jornalistas e o pessoal de tecnologia. Ao mesmo tempo em que os projetos que eu trabalhava em jornalismo de dados começaram a virar realmente produtos. Então não era só uma reportagem, era um produto ali que tinha realmente uma série de reportagens, tinha monetização, ou que, enfim, tinha uma equipe muito grande. Então eu também sentia falta de entender como é que eu ia liderar tudo isso acontecendo. E aí eu falei, bom, preciso ir atrás de algo que me ajude ali, né. Eu sempre gostei muito de métodos, assim, então eu falei, bom, vou atrás de uma metodologia que me ajude a gerenciar esses projetos numa época da minha carreira que eu estava realmente nessa fase de começar a gerenciar esses projetos. E aí encontrei a Agilidade, eu falei, bom, eu preciso de um método que principalmente seja bom para projetos que podem mudar a qualquer momento. Porque isso acontece muito no jornalismo, né. A gente sabe que tudo pode acontecer. Quando estamos lidando com várias equipes a gente sabe que tem a disponibilidade de cada um, e eu falei, bom, eu preciso de algo que seja ágil para mudanças. E aí eu encontrei a Agilidade e acabei focando no Scrum principalmente em me achei ali. Acho que foi realmente um divisor de águas para mim na maneira como hoje eu trabalho.

[00:02:21] **Paty Gomes** É muito legal perceber isso que as pessoas elas tocam com Agilidade na hora que precisam resolver um problema. E uma vez que a Agilidade entra, os valores dela são tão relacionados com, as vezes a missão, a forma como as pessoas trabalham, que depois que a Agilidade começa você não consegue mais viver sem. É muito interessante e muito parecido com a história da Agilidade que a gente viveu no Jota. Ela chegou meio que de repente, quando a gente viu hoje, quando alguém fala em um projeto com escopo, né, com uma coisa mais cascata e tal, eu falo, "ai, meu deus, não, vamos fazer Ágil".

[00:02:58] **Bárbara Libório** Dá arrepio, né? Está no nosso DNA, de fato.

[00:03:02] **Paty Gomes** E aí me conta, você estava ali, na sua trajetória de dados, né. As coisas estavam acontecendo, projetos que começaram a ganhar produto e tal, e qual foi a primeira coisa que você fez para implementar a mentalidade Ágil na sua rotina?

[00:03:18] **Bárbara Libório** Eu acho que, assim, eu sempre brinco quando eu converso sobre gestão de projetos e Agilidade, e acho que as pessoas no geral, mas jornalista

também, é um ser que estima as coisas muito mal. Então para mim a grande mudança foi realmente começar a estimar os esforços que eu precisava fazer e não começar a visualizar as coisas em grandes entregas, mas realmente ou em história de usuários ou em tarefas. Então a primeira coisa que eu tentei levar para os projetos e para as equipes foi essa coisa do tipo "não, a gente não vai colocar uma data final e estimar o esforço para uma grande entrega porque não vai funcionar, a gente vai chegar lá no dia e a gente vai se tocar que a gente esqueceu de um monte de tarefas que precisavam ser feitas. E aí a gente vai ter que correr, alguém vai ficar super sobrecarregado e enfim não vai ser legal pra ninguém. Então a primeira coisa que mudou foi realmente a maneira como eu comecei a estimar mesmo os esforços para as minhas entregas. Então, começar a dividir elas em histórias menores, começar a entender quais eram as tarefas, as sub-tarefas e principalmente deixar isso mais visual também para que todo mundo da equipe conseguisse visualizar e ter uma lista, essa coisa cascata, de ter uma lista de entregas e datas. Gente, hoje em dia realmente me dá arrepio, porque eu falo "tá, mas o que eu preciso fazer para fazer tudo isso acontecer? Como é que eu vou fazer se eu não sei para onde começar". Acho que isso foi o que mais mudou assim na minha vida e quando eu falo para pessoas eu falo "olha, de tudo que eu posso falar, se você pegar só isso, que é mudar a maneira como você estima suas entregas, o esforço, as datas, tudo. Só isso já vai mudar muito, já vai ser bem legal" Sabe?

[00:04:42] **Paty Gomes** É muito legal pensar em entregas pequenas né, porque aí você vai gerando valor no caminho. As vezes na metodologia mais tradicional você pensa assim, "ah, você tem um projeto, você entrega no final". Se você tiver alguma coisa errada é ruim para quem fez mas é ruim para quem está consumindo aquilo também. Então é ruim para todo mundo. Muito legal essa coisa de estimar e é sempre um desafio. Quando a gente começa a estimar, primeiro... pelo menos lá no Jota a gente viu uma maturidade crescente. Primeiro a gente não estimava nada direito, nada, nada. E aí aos poucos o time vai entrando mais consonância, assim, vai aprendendo mais como trabalhar um com o outro, vai entendendo que algumas coisas a gente sempre esquece de fazer tal coisa ou de estudar tal coisa antes. E aí quanto mais se estima melhor se fica nisso, apesar de ainda ser um super desafio, né.

[00:05:41] **Bárbara Libório** Sim, e acho que tem uma coisa também que é você descobrir o quanto é o esforço do outro também né, porque as vezes a gente está falando de tarefas que são de outras pessoas e que a gente acha que fulano faz rapidinho. Eles falam não, não é rapidinho. E aí, realmente pegando essa maturidade de entender realmente o quanto leva de tempo, de esforço, que esforço leva cada tarefa, e de realmente trabalhar isso juntos. Então acho que é realmente isso, a maturidade, a gente vai aprendendo sobre como a sua equipe funciona.

[00:06:09] **Paty Gomes** É quase um exercício de empatia. Quando a jornada de desenvolvimento de produto, muito frequentemente a gente está falando de uma coisa super complexa, que ninguém, um indivíduo sozinho, é capaz de fazer de ponta a ponta, e às vezes você acha, com design é muito assim, né. Ah, desenha uma tela aí. Só que design é uma experiência de usuário né, como é que o usuário vê, o que ele espera, onde é que ele vai clicar né, não é uma tela. Às vezes envolve conversar com o cliente, bater aquela tela com mais gente, validar, testar hipótese e tal. E às vezes isso, quando tem uma estrutura de trabalho que as coisas vem muito de cima pra baixo né. Às vezes vem assim "ah, pede uma tela aí pra mim, por favor", que é uma conversa com muito pouca empatia. Quando você fala assim "não, então vamos estimar juntos para ver quanto que leva? Dessa tela você precisa do que?" Depois vem front-end, back-end. E cada um coloca ali seu grau de esforço, você começa a ter ali mais noção do todo. É até uma

postura bem respeitosa com as pessoas que vão fazer a coisa, assim. Bem legal. E aí eu queria te perguntar também que tipo de pergunta você escuta dos jornalistas que estão querendo fazer. "OK. Acho que a Agilidade é para mim. Li aqui o Manifesto ágil, acho legal mas não sei dar o primeiro passo. Como é que eu implemente isso?"

[00:07:39] **Bárbara Libório** Acho que a primeira coisa quando você apresenta o método assim, na apresentação é "mas eu preciso fazer todas essas reuniões?" Porque principalmente em redação, a reunião de pauta pro jornalista já é uma coisa que você fala "ai, são duas horas que eu vou perder do meu dia, gastar ali, e eu preciso apurar a reportagem, fazer o design, fazer isso..." Então a gente não tem muito esse costume de comunicação mesmo. Acho que isso é importante da agilidade, que é realmente você conversar com as pessoas e saber como elas estão indo, o que estão fazendo. Você não está fazendo um trabalho sozinho que depois vai encaixar as outras peças e pronto. Mas acho que é uma dificuldade grande assim. Acho que no primeiro momento eles realmente não entendem qual é o valor de, por exemplo, estimar as coisas em conjunto. "Ah, eu falo quanto eu preciso do meu tempo, ou eu não falo pronto, a gente não precisa discutir isso, né". "Fazer uma reunião de planejamento. Depois de uma reunião de revisão. Ai, eu já tenho meu feedback anual, olha, a gente não pode fazer tudo no feedback?" Então acho que os rituais são a primeira barreira. Do tipo, "puts, preciso realmente disso?". Eu acho que tem uma barreira muito grande também de auto-organização, as pessoas ainda não entendem muito bem conceitos de auto-organização. Então é, para a chefia principalmente, para quem está em cima, "mas como assim auto-organização? Eu preciso saber o que fulano está fazendo tal hora. Como eu vou gerenciar as tarefas dele?" Aí você fala, não, calma aí, você vai gerenciar o fluxo, não vai gerenciar pessoas, tarefas. Eu acho que existe uma dificuldade de quem está acima as vezes de soltar um pouco a mão mesmo e entender que você não precisa ficar gerenciando as pessoas e as tarefas de cada um. Mas tem o fluxo do trabalho, de entender o conceito de auto-organização, mas principalmente de incluir algumas coisas na rotina mesmo. Então, se a gente pega um método Curva, é preciso fazer uma reunião em pé ali de 15 minutos? É preciso responder essas três perguntas? Uns porque acham muito engessado, outros porque que não gostam realmente de reunião, falam "eu mando um email". Então é importante assim, vamos adaptando, vendo a realidade de cada um. Mas eu acho que a primeira barreira realmente é essa porque muita gente pergunta nossa mas eu não vou gastar mais tempo planejando do que executando, não é melhor só fazer? Pessoas acham que "nossa, mas quanto tempo vocês gastam para se organizar, para fazer tudo isso? A gente tem esse tempo?". As pessoas acham que é uma tarefa a mais, que é um tempo a mais que vai ser gasto. É uma dificuldade mesmo de implementar uma rotina nova numa rotina que é muito de fato... Doida. Quando estamos falando de jornalistas, né. "Não posso fazer uma reunião agora porque a presidente falou tal coisa, porque eu preciso cobrir o assunto". Então acho que existe uma dificuldade de entender a importância. Por isso que eu acho que é realmente o que você falou, a gente vai ganhando a maturidade com o tempo também, né. Como você vai conseguir implementar essas coisas e as pessoas vão vendo resultados, aí "Ah, tá bom, vai, acho que dá". Mas no começo realmente acho que é, principalmente as reuniões e "quando tempo que eu vou gastar com isso?". São bem essas as primeiras perguntas.

[00:10:32] **Paty Gomes** É bem isso mesmo né, Bárbara. São coisas que a gente vive o tempo todo. A pessoa, e principalmente no jornalismo porque tem a coisa do jornalismo trabalhar com o imponderável. Tem a coisa de você estar organizado, planejado e vai lá, alguma coisa acontece. E todo seu planejamento cai por terra. O que eu falo com o pessoal assim, a gente planeja para a regra e a exceção a gente trata como exceção né. O imponderável é o imponderável e é da natureza daquilo que a gente escolheu fazer, é

do jornalismo. Se eu não quisesse trabalhar com um imponderável não era no jornalismo que eu tinha escolhido fazer minha carreira né. Mas a questão toda, para além da auto-organização e da autonomia que cada um tem que levar e tal, tem a coisa de criar o hábito de você registrar coisas porque é aquilo que você faz impacta na rotina dos demais. E isso talvez seja também uma mão um pouco de mudança, um aprendizado. Porque produto é muito mais consistência do que "ah, vou fazer isso em uma semana e pronto. Semana que vem não faço mais." Não adianta né. O produto é processo né. Você fazer sempre, você criar o hábito de estar fazendo uma tarefa, vai lá e registra. Tem uma documentação importante e não tem que ficar documentando, gastando muito tempo fazendo isso né, a entrega é mais importante do que é uma documentação super-extensa. Mas alguma coisa tem que estar documentada, os processos tem que ele estar ali. e eles estão ali para ajudar, não são para tomar tempo. Na segunda vez que você for fazer isso, você provavelmente vai gastar menos tempo, "Ah, ainda bem que eu anotei isso".

[00:12:25] **Bárbara Libório** Exato, e vira um hábito né. As pessoas me perguntam as vezes "mas quanto tempo da minha semana vou gastar para atualizar, por exemplo, as minhas ferramentas". Gente, não, não vai tirar um momento da sua semana para isso, você vai fazer isso automaticamente conforme você vai fazendo né. Isso realmente vira um hábito. Não consigo concluir uma tarefa... sei lá, fiz dez tarefas nesta semana, aí vou na sexta feira deixar duas horas para atualizar tudo aquilo. Não, tem alguém esperando, que veja que aquilo foi concluído, por exemplo, pra começar outra coisa né. Então é um hábito que realmente você vai ganhando e quando você vê não toma mais seu tempo, né, porque está ali no seu fluxo de trabalho. Mas a primeira resistência é essa "nossa eu vou gastar muito tempo registrando, vou gastar muito tempo fazendo reunião". Então acho que essa é a primeira barreira real.

[00:13:05] **Paty Gomes** "O que você faz além de reunião?" Tem muita coisa assim que temos que ir respondendo né. Engraçado. E é isso, enquanto a reunião não for significativa para quem faz parte, ela vai ser uma barreira mesmo. Então um pouco de flexibilidade pra adaptar os contextos, né. O contexto da pandemia fez com que Daily, que é todo mundo em pé ali, 15 minutos no início do dia, não funcionasse. O que é o início do dia se as pessoas têm horários diferentes. Isso tudo é combinado e o combinado não sai caro, né. Então você tem combinados entre as pessoas e funciona né. E aí, Bárbara, agora queria te perguntar se tem algum exemplo de algum produto ou projeto no qual você usou os princípios Ágeis do qual você se orgulha e fala "Nossa, esse aqui foi muito legal".

[00:13:55] **Bárbara Libório** Olha eu acho que os dois projetos que a gente entregou na AzMina no ano passado, que foram Elas no Congresso e o Monitora, todo o nosso planejamento, todo o backlog que a gente criou foi bastante, foi totalmente guiado pelo princípio Ágil, principalmente pelo Scrum. Então a gente realmente fez ali um backlog priorizado. Eu realmente consegui estimar. Primeiro eu dividi aquelas entregas, que Elas no Congresso principalmente era um projeto muito grande né. Tinham três produtos dentro do Elas o Congresso e enfim, "o que a gente vai lançar primeiro? O que é mais importante?" Então a gente realmente conseguiu criar um backlog priorizando ele de acordo com o que realmente estava acontecendo. A gente soltou primeiro, por exemplo, a Bot no Twitter, vamos ver como reage, depois a gente solta o Ranking né. Então a gente não soltou tudo de uma vez, a gente também conseguiu colher muitos feedbacks e acho que isso foi bem importante porque a gente foi tendo entregas. A gente começou Elas no Congresso em janeiro e a gente entregou o projeto inteiro, o produto, ali no ar em junho. Então durante todo esse tempo a gente realmente conseguiu ter pequenas entregas. A gente realmente ia entendendo que "ó, não isto aqui precisa mudar, essa visualização não

está legal, preciso de um filtro novo, isso aqui ninguém está usando, aqui ninguém vai usar. Então colher feedbacks de diferentes pessoas também, diferentes personas, que a gente trabalha com organizações advocacy, jornalistas, com a sociedade civil no geral. E aí foi um exemplo de um produto longo que a gente conseguiu ir fazendo isso. Já o Monitor é um projeto que a gente tinha três meses para executar, e tinha que entregar tudo em três meses. Então a gente tinha muita pressa e tudo mudava porque era um contexto, Monitora foi um projeto de... Elas no Congresso é nosso projeto de monitoramento do Congresso. Então a gente monitora como os direitos das mulheres tramitam no Congresso e a gente tem uma robozinha no Twitter, a gente um ranking de parlamentares né, e o nosso conteúdo. E o Monitor era um projeto de monitoramento de violência online, violência política de gênero contra as mulheres. Então ele aconteceu em um tempo que era janela de campanha. Uma campanha que a gente sabe que está tudo acontecendo ao mesmo tempo. A gente estava monitorando uma violência, picos que poderiam acontecer a qualquer momento. Então a gente tinha essa dificuldade de lidar com o imponderável mas a gente também conseguiu fazer um backlog priorizando ele e repriorizando ele nesse curto espaço de tempo. E a gente também conseguiu enfim dividir essa entrega realmente em Histórias de usuário e estimar realmente. Então a gente tinha um problema as vezes, vou dar um exemplo. A gente tem produtos, projetos a gente entrega e a gente precisa fazer o relatório de prestação de contas né. A gente sempre esquecia, a gente demora um bom tempo pra isso. Era preciso fazer um clipping, era preciso ter um tempo pra ver tudo que saiu né. É preciso pegar. A gente tinha uma dificuldade primeiro que era de realmente conseguir mensurar o impacto, que é algo superimportante ali no final do projeto, da entrega do produto. Se a gente não colocar isso, aqui ali como uma História de usuário, como uma entrega, a gente ia esquecer. Então a gente foi ganhando esses hábitos de começar a registrar realmente tudo o que estava em incluso dentro daquela entrega que parecia muito simples, do tipo "ah, tal dia a gente tem que entregar relatório". Tá, mas o que a gente precisa fazer para entregar o relatório? "Ah, peraí". Preciso falar com este deputado, com as vereadoras, por exemplo, para colher depoimentos. Eu preciso de um tempo pro design. E aí a gente tem essa coisa, "ah, não, a gente manda pro design, é rapidinho, né" Um relatório de 80 páginas. Não, né. Então acho que esses dois projetos foram bem importantes. A gente começar a implementar mesmo essas noções, esses princípios de principalmente sobre backlog, priorização de backlog, e estimativa de entregas e tudo isso. Acho que isso foi bem importante para a gente.

[00:17:27] **Paty Gomes** Quais das cerimônias você usava e quais vocês decidiram não usar?

[00:17:31] Olha a cerimônia ainda é o mais difícil de implementar. A gente ainda está tentando mas AzMina é uma equipe bem grande né. Então com a equipe do projeto pelo menos a gente conseguia fazer algumas reuniões de retrospectiva mesmo, que a gente achava bem importante, e de planejamento. Mas não foi algo super constante porque ainda é realmente o primeiro... Eu falei, bom, vamos começar por passos aqui. Então o primeiro passo é vamos implementar o backlog, entender como a gente constrói o backlog de um produto, pro projeto. E acho que esse foi o nosso principal ganho. O passo que a gente deu. Já na Fiquem Sabendo, que é o lugar pro qual eu dei consultoria, gestão etc, a gente realmente conseguiu fazer reuniões de planning que foram bem bacanas. A gente tinha que fazer também o backlog de um produto, começamos a fazer a primeira e segunda sprint. E aí a gente realmente conseguia ali. É muito bacana esse exercício de fazer Planning, então estimar juntos, porque foi esse exercício que eu te falei, da gente começar a dar os pontos e aí um dava 3 e o outro dava 21. Aí você fala, opa, peraí, tem alguém que está achando que o trabalho é muito fácil, alguém tá dizendo que é muito

difícil, vamos conversar sobre isso. E quando alguém está falando de tecnologia, de design, para jornalistas, é realmente o mundo que muitas vezes eles realmente não têm muita noção. Então, "ah não, gente, fazer isso é muito fácil, é rapidinho, em um dia, ele é tão bom no que ele faz, ele faz. Aí você fala, opa, espera aí, não é assim. Deixa eu explicar tudo o que eu preciso fazer. E aí é bom porque para a próxima Sprint você já sabe que as próximas estimativas vão ser bem mais coerentes né, do time todo. Isso é bem legal.

[00:19:02] **Paty Gomes** E vai criando uma linguagem comum né, vai nivelando o que as pessoas sabem a respeito do trabalho umas das outras, é bem bacana. Vocês usam a escala de Fibonacci?

[00:19:13] **Bárbara Libório** Sim, a gente usou, eu apresentei. É engraçado porque o pessoal estava até ansioso pra este dia: "a gente vai fazer o poker ali, a gente vai jogar?". E é um exercício que a primeira vez para a equipe eu acho que muda no geral, não só a maneira como as pessoas vão enxergar aquele produto mas vão enxergar realmente o trabalho do outro, sabe. Eu acho que é um exercício que é muito importante para a gente falar do projeto, do produto, mas é muito importante para a equipe se conhecer, sabe. Realmente e eu acho que isso muda bastante coisa.

[00:19:48] **Paty Gomes** Bem legal. Essa escala de Fibonacci é uma escala em que os números anteriores somam ao posterior, então é 1 3 5 8... E é um número subjetivo. Pelo menos lá no Jota a gente tenta colocar, se é 21 - porque é 1 3 5 8 13 e 21 - a gente tenta falar, vamos dar uma dividida? Porque 21 já é muito. E aí a gente tem combinados: "ah, não precisa de ninguém então é menos do que 5, só precisa de você. Precisa alinhar e trabalhar junto". Esse tipo de combinado vai surgindo como com o tempo.

[00:20:38] **Bárbara Libório** Exatamente, vai tomando forma.

[00:20:40] **Paty Gomes** A gente falou de uma experiência da qual você se orgulha e que foi muito legal. Agora conta alguma que não deu certo. Alguma resistência que tenha sido intransponível, alguma coisa, enfim, que tenha sido um pouco mais difícil em um projeto, um produto.

[00:20:59] **Bárbara Libório** Eu acho que mesmo dentro do Elas no Congresso, por exemplo, a gente tem essa experiência de lidar com fornecedores, então com pessoas que não estão dentro da casa. Então vários dos componentes do produto eram de empresa terceirizada, de fornecedores. E aí era realmente muito difícil a gente começar, por exemplo, a implementar Sprints e todas essas reuniões porque aí você está lidando com disponibilidade de uma equipe que não é a sua. Por mais que esteja ali dentro do seu escopo tem as outras dinâmicas né. Então acho que isso para mim foi o mais difícil, tem sido mais difícil nesses projetos de tecnologia, sim, inclusive porque a gente não tem dentro da AzMina hoje uma equipe de tecnologia que seja internalizada. É bem difícil você conseguir implementar tudo com equipes que estão fora, que nem sempre tem a mesma realidade que você. Acho que essa é a maior dificuldade que eu ainda estou aprendendo como é que eu vou transpor. Então não é uma equipe está aqui no meu dia-a-dia, não está nas minhas ferramentas, não está dentro do meu Slack. Enfim, como é que gente vai lidar com isso, acho que essa é uma dificuldade que a gente tem. E eu acho que a outra dificuldade no geral é realmente, isso em todas as consultorias que eu venho dando, é essa dificuldade de realmente descentralizar as coisas, de conseguir explicar que as pessoas se autoorganizam. Você não precisa estar ali, sabendo que das 2 às 3 você está fazendo aquilo e tem um relatório completo do que a pessoa fez naquele dia. Então essa

é uma dificuldade, até para as pessoas também entenderem que elas também não precisam fazer isso, e para a chefia mesmo entender que, olha eu gerencio fluxo, não gerencio pessoas né. E eu ainda tenho uma dificuldade em grande em fazer com que as pessoas... A gente usa muitas ferramentas né, não sei se você já falou das ferramentas, a gente usa, por exemplo, na maioria dos lugares que eu dei consultoria ou na AzMina também a gente usa o Asana. E assim fazer com que as pessoas realmente preencham o Asana é aquela coisa do "não, conclui". Eu canso de olhar o Asana que tem aquelas datas vermelhas assim, as vezes as tarefas já foram concluídas e eu falo, gente, por que isso não atualizou assim, eu brinco que eu sou chata do Asana, e sou realmente bem chata. "Gente, tem que arrumar. Gente, tem que organizar", e essa ainda é uma dificuldade. "Ai, eu não tenho tempo", "Ai, Bárbara, não entendi como funciona". Eu criei realmente manuais de Asana, sabe, eu falo "Gente, estou enviando, é seguir isto aqui". Então acho que essa ainda é uma dificuldade em todos os projetos, produtos, e no dia-a-dia, porque também usamos para o dia-a-dia essas ferramentas. Então essas são as três principais barreiras que eu vejo. Essa coisa de lidar com funcionários que não estão dentro da sua equipe, então com fornecedores. Como colocá-los dentro do seu método ágil, né? Ainda não achei a solução para esse desafio. E essa questão mesmo de auto-organização e de registro, que estávamos falando um pouco antes.

[00:23:44] **Paty Gomes** É bem interessante. E outra coisa que eu acho interessante é que o projeto e o produto que você mais se orgulha também em seus pontos, né. E aí quando a gente fala de Agilidade a gente não está falando de coisas binárias. A gente está falando de pequenas conquistas. E uma pequena conquista, uma sequência de conquistas, ela vai ter tropeços ali no caminho, é normal, faz parte da vida. faz parte disso que a gente está se propondo a fazer, que normalmente é resolver um problema complexo com pessoas que têm habilidades distintas. Eu acho bem interessante, acho que eu consigo ver isso na minha rotina também muito claramente.

[00:24:26] **Bárbara Libório** Total, não é 8 ou 80. Não é "nossa, implementamos tudo e foi tudo maravilhoso". As vezes, "ó, implementei essa metade, já ajudou. Não consegui implementar a outra". Então não é algo... E acho que essa inclusive é uma barreira das pessoas às vezes. "Eu preciso chegar com tudo, implementar tudo de uma vez, mudou toda minha vida agora, tudo o que eu fazia antes eu não faço mais, agora eu preciso fazer tudo de novo". Não, vamos com calma, então. Vamos implementar esta parte primeiro. E aí a gente vai conhecendo o método. Então acho que essa flexibilidade também é bastante importante para a gente conseguir transpor essas barreiras das pessoas.

[00:24:55] A ajuda até a trazer adesão né, porque quando a pessoa começa a ver que realmente o fluxo do trabalho melhora, que a comunicação, até o lidar com a equipe fica mais leve né, quando você vai trazendo mais gente para perto. E parte também do trabalho de produto é você convencer as pessoas a trabalharem de uma forma diferente da que ela está acostumada. Então com uma pequena vitória já traz mais gente para você, uma segunda vitória traz mais gente. Algumas coisas, quando bate muito com a cultura da organização, as vezes você não vai conseguir mesmo. O livro manda fazer mas você não vai fazer porque no seu contexto não faz sentido, e tudo bem. O livro está ali para dar um norte, as regras, mas o que a gente vai escolher fazer tem muito a ver com aquilo que a gente tá vendo, a gente está sentindo o tanto que a gente conhece as pessoas, o grau de maturidade que a gente está naquele momento.

[00:25:53] **Bárbara Libório** Exatamente, às vezes está realmente no contexto que você não vai conseguir fazer Daily todo dia, você não vai conseguir todas as cerimônias e tudo bem. E tem lugares, por exemplo, que eu uso bastante também o Kanban para tornar

todo o fluxo visual, uso bastante os princípios do Kanban. Então eu brinco que eu faço uma mistura, eu misturo princípios do Scrum, eu trago Kanban, até GTD, de organização pessoal, eu uso também. E eu monto o método que for mais interessante para cada contexto. "Ó, eu preciso disso, preciso daquilo, então tá, vamos encaixar o que a gente consegue usando os princípios da agilidade de diferentes frameworks, e vamos construir o seu método ideal, então?" Vamos, então beleza, funciona.

[00:26:38] **Paty Gomes** Maravilha. Aqui pra gente terminar, que já está dando o nosso tempo. Que dica você dá para quem está assistindo aqui a gente e fala "OK. Amanhã eu começo! É amanhã".

[00:26:51] **Bárbara Libório** Olha, eu acho que a primeira coisa é... Eu comecei por livros, acho que a gente tem uma literatura bem interessante sobre Scrum, sobre outros métodos ágeis. Então eu acho até que comecei rápido demais. Eu li um livro e depois já fui fazer uma certificação, um master. E pensei que não precisava ter ido com tanta sede ao pote, sabe? É um estudo que leva tempo, não é de um dia para o outro que você vai conseguir colocar isso no seu trabalho. Mas às vezes faz sentido para mim colocar certas coisas na minha rotina pessoal. Então hoje eu penso na minha rotina pessoal como Sprint. É engraçado isso, eu falo gente, eu faço meus Sprints semanais, entendeu? Eu faço review do meu Sprint. Todo final da semana eu vejo o que eu consegui fazer, o que não consegui, o que ficou pra próxima semana. Eu repriorizo o que eu preciso porque de repente durante a semana tudo mudou e eu falo que não é mais importante isso. Então eu comecei a fazer isso no meu dia-a-dia. Eu acho que super funciona, você vai começando a entender que é disso que o método está falando. Tudo mudou, meu backlog não é mais o mesmo, eu vou mudar para a próxima semana, ou a minha disponibilidade da próxima semana mudou e eu não vou ter mais o mesmo tempo que eu achava, vou repriorizar tudo. E você vai conseguindo ver, inclusive no seu dia-a-dia como o método se encaixa, e aí você consegue levar também para o seu trabalho. Pra mim isso fez muito sentido, e é uma dica que eu dou para as pessoas começarem a visualizar e realmente verem se faz sentido, ou fazer uma adaptação ali pessoal de mentalidade para poder expandir isso para o geral.

[00:28:16] **Paty Gomes** E qual foi o livro que você começou, você recomenda?

[00:28:28] **Bárbara Libório** É o Scrum, aquele vermelhinho.

[00:28:28] **Paty Gomes** "A arte de fazer o dobro na metade do tempo", não é?

[00:29:00] **Bárbara Libório** Exatamente, é muito legal. Um bom primeiro passo.

[00:29:01] **Paty Gomes** Sensacional, Bárbara. Quero te agradecer por ter tão generosamente compartilhado com a gente tanta coisa legal. Eu ficaria aqui conversando com você por horas.

[00:29:14] **Bárbara Libório** Eu também, Paty, super obrigada. Eu vou assistir todas as aulas e a gente vai conversando. Estou bem animada para este curso, acho que é uma honra para todo mundo aprender com você.

[00:29:28] **Paty Gomes** Bom, gente. Essa foi a nossa convidada que trouxe um pouco de agilidade, da experiência dela de agilidade na redação. Espero que vocês tenham curtido nosso papo tanto quanto provavelmente a gente curtiu, porque eu adorei.